

A FESTA DO MONSTRO: BORGES, BIOY CASARES E A REPRESENTAÇÃO DO PERONISMO

Paulo Renato da Silva

FANATISMO:

Defensa entusiasta y fervorosa de la doctrina peronista. Derecho legítimo del pueblo a defender y difundir – hasta con la vida – la ciudadanía en marcha.

Eva Perón.¹

Nosotros nos desfogamos un rato más, con pedradas que ya no le dolían. Te lo juro, Nelly, pusimos el cadáver hecho una lástima. Luego Mopurgo, para que los muchachos se rieran, me hizo clavar la cortaplumita en lo que hacía las veces de cara.

Borges e Bioy Casares, A festa do Monstro.²

Introdução

Argentina, 17 de outubro de 2006: milhares de pessoas acompanham a transferência dos restos mortais do ex-presidente Juan Domingo Perón (1946-55/73-74), do Cemitério da Chacarita para a Quinta de San Vicente, localizada nos arredores de Buenos Aires. A quinta, transformada recentemente em um museu, era um dos locais preferidos de descanso de Perón e da primeira-dama Evita (1919-52). Discursos inflamados vieram das mais variadas tendências políticas. Era fácil encontrar pessoas, de todas as idades, muito emocionadas. Houve disputa para se aproximar do féretro, que percorreu algumas das principais ruas da capital. Já na quinta, intenso confronto entre militantes, com pedras, bombas e disparos, resultou em prisões e vários feridos. Detalhe conhecido, mas importante de ser frisado: Perón morreu há trinta e dois anos. O episódio teve repercussão internacional e todas as explicações parecem ser insuficientes para dar conta do fenômeno. Apesar das rupturas, hoje e ontem, como demonstram as palavras de Eva Perón,

o peronismo traz em si as marcas do excesso. Hoje e ontem, o peronismo traz uma dificuldade de representação, conforme veremos, inclusive para a Literatura: como representar uma “realidade” que parece superar a imaginação?

No entanto, o excessivo não desaparece ao ser incorporado por um discurso oficial como o peronista. O excesso continua a existir, a ser sentido, na tensa relação que há entre a universalidade almejada por todas as normas e a particularidade dos sujeitos e grupos político-sociais. E, internamente a esse discurso oficial, o excesso apenas se desloca. Diante da defesa do fanatismo por Eva Perón, excessivo pode ser o “individualismo” e o desinteresse por este discurso:

(...) “*el hombre mediocre es el más feroz y más frío enemigo del hombre de genio*”. *Todo lo extraordinario es para ellos locura imperdonable, fanatismo exagerado y peligroso. Yo los he visto y los veo todavía mirándose “compasivos” y “misericordiosos” con ese aire de superioridad que los define... Nunca entenderán cómo y por qué alguien puede hacer una cosa distinta de los que ellos piensan y nunca hacen nada que no sea para ellos.*³

Tudo depende de quem, do grupo político-social que estiver definindo ou lendo a norma e o excesso. Depende, também, de quando se define ou lê: o ocorrido em 2006 corresponde a uma memória dos governos de Perón, certamente influenciada, dentre outros pontos, pela grave crise econômica ainda enfrentada pela Argentina, o que será retomado na conclusão deste artigo.

Por enquanto, interessa-nos explorar uma leitura contemporânea ao primeiro governo de Perón: a partir do conto *A festa do Monstro*, dos escritores argentinos Jorge Luis Borges (1899-1986) e Adolfo Bioy Casares (1914-99), o objetivo deste artigo é enfatizar, através do peronismo nele representado, a leitura político-social da norma e do excesso e sua historicidade, pois se trata de uma releitura do poema *La refalosa* de Hilario Ascasubi (1807-75)⁴ e do conto *El matadero* de Esteban Echeverría (1805-51), analisado por José Alves de Freitas Neto no artigo anterior. O vazio que, segundo Freitas Neto, marca o texto de Echeverría, no conto de Borges e Bioy Casares parece ter sido incorporado como elemento central da identidade argentina, a partir do qual os grupos se reconhecem, por adesão ou oposição, e definem pensamentos e atitudes. Paradoxalmente, o vazio apontado por Freitas Neto parece ter preenchido a Argentina. Acreditamos que, por isso, o fantástico que marca a produção literária de Borges e Bioy Casares não se encontra em *A festa do Monstro*. Diante do peronismo, perante uma “realidade” em si fantástica, excessiva, que transgride ética, moral e legalmente o que era aceito e/ou conhecido, a Literatura seria inevitavelmente realista. Daí o que era excessivo em Echeverría, no que se refere aos setores populares, parece ter se tornado a norma quando Borges e Bioy Casares escrevem o conto em 1947.⁵ Porém, quando o publicam em 1955,⁶ logo depois da queda de Perón por um golpe militar, os escritores parecem finalmente encontrar as condições

necessárias para que o conto transmitisse o que viam de excessivo no governo deposto,⁷ considerando-se a crise enfrentada pelo peronismo naquele momento.

A dificuldade de representar o peronismo parece ter sido reconhecida pelo próprio Borges em uma entrevista concedida à revista *El hogar*⁸ em janeiro de 1956. Na entrevista, Borges fala a respeito dos planos para aquele ano, inclusive a publicação de um livro em parceria com Bioy Casares:

*El tercer libro que publicaré en el mismo año se compondrá de una serie de cuentos satíricos policiales, que estoy escribiendo con Adolfo Bioy Casares. En esos cuentos estarán reflejados de un modo aparentemente caricaturesco, pero en el fondo realista [grifo meu], los hechos, aspectos y experiencias de la dictadura que hemos padecido y que acabamos de derrocar.*⁹

Em outras palavras, ao discorrer sobre a leitura político-social e a historicidade da norma e do excesso, o objetivo deste artigo é frisar que não se tratam de conceitos estanques, estáveis, e, portanto, nem características inatas, exclusivas apenas de alguns governos, países ou, ainda, continentes.

Borges, o fantástico e o excesso.

Séculos e séculos de idealismo não deixaram de influir na realidade. Não é pouco freqüente, nas regiões mais antigas de Tlön, a duplicação de objetos perdidos. Duas pessoas procuram um lápis; a primeira o encontra e não diz nada; a segunda encontra um segundo lápis não menos real, contudo mais ajustado a sua expectativa. (...).

As coisas duplicam-se em Tlön; propendem simultaneamente a apagar-se e a perder os detalhes, quando as pessoas os esquecem.

Borges, *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*.¹⁰

Para analisar a dificuldade de representação colocada pelo peronismo a Borges e Bioy Casares, cabe destacar, ainda que resumidamente, a consolidação da Literatura fantástica na Argentina, a partir da década de trinta, e as suas principais características. Evidentemente que Bioy Casares tem características e qualidades próprias,¹¹ mas, considerando-se a centralidade alcançada por Borges, sua influência sobre distintos escritores e gerações literárias, iremos nos concentrar na sua concepção de fantástico.

Entre 1936 e 1939, Borges foi colaborador da revista *El hogar*, era o responsável pela página *Libros y autores extranjeros*, publicada quinzenalmente. A página era composta por biografias sintéticas, resenhas, divulgação de livros novos e notícias diversas da vida literária.

Nota-se na página um espaço significativo destinado ao fantástico, o que acompanha a produção literária de Borges. Exemplo do espaço destinado ao

fantástico pode ser notado em sua opinião a respeito da Literatura policial. De um modo simplificado, para o escritor, o policial deveria primar pelo psicológico e não por evidências materiais. “A solução, nas más ficções policiais, é de ordem material: uma porta secreta, uma barba suplementar. Nas boas, é de ordem psicológica: uma falácia, um hábito mental, uma superstição”.¹² Logo, o policial não excluiria o fantástico. A propósito, Borges sempre teceu críticas à idéia de gêneros puros. A oscilação entre explicações racionais e sobrenaturais, que caracteriza o fantástico,¹³ poderia permanecer mesmo depois da solução do enigma policial.¹⁴ Essa oscilação permitiria, ainda, explorar a ironia e a sátira, duas características marcantes em Borges e Bioy Casares. Assim, no fantástico, a realidade seria constituída, também, por imaginação, sonho, devaneio, não se trataria necessariamente de uma oposição, de um confronto entre duas ou mais dimensões distintas. Justamente por não serem distintas é que ocorreria a oscilação, como Borges mostra na resenha de *O sonho do quarto vermelho*, de Tsao Hsue Kin:

*Há uma profusão de sonhos: mais intensos porque o escritor não nos diz que estão sendo sonhados e acreditamos que se trata de realidades, até que o sonhador acorda. (...) Há o fantástico em profusão: a literatura chinesa não sabe de “histórias fantásticas”, porque todas, em algum momento, o são.*¹⁵

Em princípio, o fantástico não nega a “realidade”, mas se pergunta sobre os limites da razão para apreendê-la em sua totalidade. “A música (disse Hanslick) é um idioma que entendemos e falamos, mas que somos incapazes de traduzir. De traduzir em conceitos, naturalmente. (...) É também o caso do Universo, que nos destrói, exalta-nos e mata-nos, e nunca sabemos o que é”.¹⁶ Na Literatura fantástica, o real vai além do perceptível, do subsumível, não se detém apenas na exterioridade, como indica o policial defendido por Borges.

Daí a crítica constante do escritor, ainda que não incondicional, ao realismo, ao conto de fadas e às fábulas que, na ânsia de transmitirem uma mensagem política ou moralizante, não sustentariam os símbolos, o que reduziria, simplificaria a “realidade”.¹⁷ Para Borges, os símbolos não deveriam ser transcritos, transformados em substantivos, mas manter uma dupla intuição, permanecer como o contato entre duas imagens. “O conto [de fadas] ocidental é uma espécie de artefato simétrico, dividido em compartimentos. É de uma simetria perfeita. Existe algo menos semelhante à beleza que a simetria perfeita?”.¹⁸ Dessa maneira, a defesa da Literatura fantástica é inerente à recusa da hegemonia, como dizia Borges, da “cor local”, ou seja, do predomínio de cenários, personagens, valores e condutas nacionais, como indica a sua resenha de *The Croquet Player*, de H. G. Wells. Ao invés de se voltar apenas para o argentino ou qualquer outra nacionalidade, a preocupação da Literatura deveria ser o homem cosmopolita, universal, independentemente de fronteiras e contextos históricos:

Todos propendemos a acreditar que a interpretação esgota os símbolos. Nada mais falso. (...).

*(...) Wells descreve uma região de pântanos envenenados onde ocorrem fatos atrozes; essa região é Londres ou Buenos Aires, e os culpados somos você e eu.*¹⁹

O fantástico é universal, pois, na medida em que explora o desconhecido, leva o homem a sair de si, daquilo que o circunda, leva o homem a transpor, a expandir suas referências culturais. Por isso o excesso é inerente ao fantástico: a etimologia da palavra excesso vem do latim *excessus*, que quer dizer partida, afastamento. Vale ressaltar, contudo, que o fantástico, assim como Borges, não nega o nacional, nem defende o abandono de referenciais culturais, muito pelo contrário: o problema seria se limitar, se restringir a eles. A hesitação que marca o fantástico depende, justamente, do choque, da tensão entre o aceito/conhecido e o novo.

Em 1947, quando o conto de Borges e Bioy Casares foi escrito, o fantástico já ocuparia, há alguns anos, um lugar de destaque na Literatura argentina. Daí o caráter anômalo de *A festa do Monstro* apontado por María Teresa Gramuglio, considerando-se a produção de ambos os escritores.²⁰ No conto, ainda que nem tudo seja aceito, compartilhado – como dissemos, o excesso não desaparece ao ser incorporado por um discurso oficial –, tudo já seria conhecido, já teria sido antecipado pela “realidade”, não encontraríamos nele a surpresa e dúvida típicas do fantástico. Para desenvolver uma comparação com os trabalhos anteriores, interessa-nos *Ficções* (1944) de Borges não apenas por ter sido o último livro que publicou antes de escrever *A festa do Monstro* com Bioy Casares, mas também por ser considerado um dos melhores exemplos da Literatura fantástica produzida pelo escritor. No livro, por sua vez, merece destaque o conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, destacado no início deste item e que tem o próprio Borges e Bioy Casares como personagens.

No prólogo de *Ficções*, Borges define os contos que compõem o livro como fantásticos. A respeito de *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, escreve que se trata de um conto sobre livros imaginários. Durante um jantar em uma chácara alugada, Bioy Casares conversa com Borges sobre um heresiarca da região de Uqbar, para quem os espelhos e a cópula eram abomináveis por multiplicarem o número de homens. Borges pergunta a fonte e Bioy Casares responde que estava em um verbete da *Anglo-American Cyclopaedia*. Borges lembra que ali havia aquela enciclopédia, procuram o verbete, mas não o encontram. No dia seguinte, Bioy Casares confirma a informação dada inicialmente e constata que o verbete existia apenas em um único exemplar da enciclopédia:

O volume que Bioy trouxe era efetivamente o XXVI da Anglo-American Cyclopaedia. No ante-rostro e na lombada, a indicação alfabética (Tor-Ups)

era a de nosso exemplar [consultado na chácara], mas em vez de 917 páginas constava de 921. Essas quatro páginas adicionais compreendiam o artigo sobre Uqbar; não previsto (como terá observado o leitor) pela indicação alfabética.²¹

Segundo o verbete, a Literatura de Uqbar era fantástica e suas epopéias e lendas nunca se referiam à realidade, mas às duas regiões imaginárias de Mlejnas e do planeta Tlön: dois anos depois, Borges, o personagem, encontra o décimo primeiro volume de uma enciclopédia sobre este planeta desconhecido. Como destacado na citação que abre este item, o idealismo dita a vida em Tlön. Além da materialização de objetos perdidos e do desaparecimento do que se esquece, esse idealismo tem reflexos na linguagem: como ninguém acredita na materialidade, na realidade dos substantivos, estes são infinitos, surgem e desaparecem de acordo com as necessidades poéticas. “Há poemas famosos compostos de uma única enorme palavra. Essa palavra integra um *objeto poético* criado pelo autor. (...) Os idiomas do hemisfério boreal de Tlön possuem todos os nomes das línguas indo-européias – e muitos outros mais”.²²

Já que em Tlön o mundo é concebido como uma série de processos mentais, a psicologia ocupa um lugar central perante as outras disciplinas. Dessa maneira, existem ciências em Tlön, dentre elas a filosofia, mas não procuram a verdade, tampouco a verossimilhança, mas o assombro. “Julgam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica”.²³

Descobre-se posteriormente que a enciclopédia de Tlön foi escrita no século XIX por uma sociedade secreta. “Buckley [um dos idealizadores da enciclopédia] descreve de Deus, mas quer demonstrar ao Deus não existente que os homens mortais são capazes de conceber um mundo”.²⁴ Quando a enciclopédia foi descoberta e divulgada, “(...) a realidade cedeu em mais de um ponto. O certo é que desejava ceder”.²⁵ O nosso idioma, por exemplo, se modificou, assim como o ensino de História: um passado fictício substituiu outro do qual nada se sabia com certeza, nem, ao menos, que era falso – exemplo da nem sempre sutil ironia de Borges.

Em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, Borges representa a mencionada impossibilidade de se apreender, de se traduzir plenamente o mundo em conceitos, em palavras, o que, para o escritor, apenas estaria ao alcance da música. Por isso em Tlön os substantivos são infinitos e as ciências não buscam a verdade. Podemos afirmar que o heresiarca de Uqbar abomina a cópula e os espelhos por multiplicarem somente o mundo conhecido, por manterem a ilusão de realidade. A incerteza, o desconhecimento e o esquecimento é o que haveria de comum entre os homens, razão pela qual a metafísica em Tlön é um ramo da Literatura fantástica. Não existe nenhum problema no fato de tal enciclopédia ou planeta não existirem, pois tampouco a verdade enquanto conhecimento absoluto existiria nos planetas e livros conhecidos, como demonstrariam as incertezas em torno da nossa História, motivo

pelo qual, em Tlön, ela é assumidamente fictícia. A interferência do fantástico em nosso mundo após a divulgação da enciclopédia indica que, para Borges, o *aceito* conhecido hoje pode ter sido imaginado uma vez, assim como o imaginado hoje pode se concretizar amanhã. “O mundo será Tlön”.²⁶

Sendo um manipulador de palavras, não escapa ao nosso olhar que Borges, ao lado de Bioy Casares, assume outra posição em *A festa do Monstro*. No conto, os escritores representam a incorporação pelo peronismo do que outrora foi considerado excessivo em *La refalosa* e *El matadero*, mas não encontramos nele o fantástico, pois não apresenta mais de uma dimensão, não existe interferência do desconhecido, de uma sociedade secreta, no mundo perceptível: o festivo é monstruoso e vice-versa. As metáforas, os símbolos, não se sustentam, são facilmente detectáveis, ao contrário do que era defendido por Borges. Desse modo, tampouco encontramos a universalidade de *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*: ao contrário do livro de Wells resenhado por Borges, *A festa do Monstro* não poderia se passar em Londres ou qualquer outro local do mundo. Parece ser impossível pensar o conto fora da Argentina e das suas referências culturais e literárias.

A festa do Monstro

Aquí empieza su aflicción.
Hilario Ascasubi, *La refalosa*.

– *Te prevengo, Nelly, que fue una jornada cívica en forma.*²⁷

Assim Borges e Bioy Casares, sob o pseudônimo H. Bustos Domecq, iniciam *A festa do Monstro*. Para o narrador, um jovem trabalhador simpatizante do Monstro, “foi uma jornada cívica” a sua participação em uma caravana que saiu de Tolosa, na Grande Buenos Aires, rumo à Praça de Maio, onde houve um discurso do Monstro. O narrador qualifica o acontecimento como um “saúdavel patriotismo”, um “entusiasmo partidário”, uma mostra do “mais puro idealismo”, de “civismo”, como a “consciência em marcha”, dentre outras expressões. A mesma adesão ao Monstro também existiria nos demais participantes da caravana:

*No me cansaba de pensar que toda esa muchachada moderna y sana pensaba en todo como yo, porque hasta el más abúllico oye las emisiones en cadena, quieras que no. Todos éramos argentinos, todos de corta edad, todos del Sur y nos precipitábamos al encuentro de nuestros hermanos gemelos (...).*²⁸

O narrador relata que estava tão ansioso na véspera da partida da caravana que tinha dormido muito mal. “No pensaba más que en el Monstruo y que al otro

día lo vería sonreírse y hablar como el gran laburante argentino que es”.²⁹ A caravana foi organizada pelo comitê do Monstro e foi acompanhada por seus representantes, dado que muito nos interessa e que será retomado adiante. A distribuição de armas de fogo, prevista inicialmente para a véspera, foi adiada pelo senhor Marforio, um dos representantes do comitê, para o dia do ato, alegando que o Departamento de Polícia tinha atrasado o envio das armas. Partida a caravana, o senhor Garfunkel, outro representante do comitê, vigiava os participantes e determinou que o caminhão que os transportava seguisse em alta velocidade. Em Quilmes, no caminho para Buenos Aires, ordenou, também, que muros fossem pichados com o nome do Monstro. No percurso, os simpatizantes do Monstro cantam bastante, desde marchinhas do Monstro até sucessos como *Adiós pampa mía*³⁰ e músicas de Carlos Gardel (1890-1935):

*Yo estaba tan afónico que parecía adornado con el bozal, pero (...) recuperé esta lengüita de Campana y, hombro a hombro con los compañeros de brecha, no quise restar mi concurso a la masa coral que despachaba a todo pulmón la marchita del Monstruo, y ensayé hasta medio berrido que más bien salió francamente un hipo (...).*³¹

Antes de prosseguir com o desenrolar da caravana, cabem algumas palavras a respeito da descrição, sobretudo física, feita por Borges e Bioy Casares de alguns participantes dessa “jornada cívica”. O narrador tem pé chato, pescoço curto e pança hipopótama ou de tambor. Já o senhor Marforio seria mais magro do que a ranhura de uma máquina de moedinhas. O fanho Tabacman, por sua vez, é conhecido como Tornillo Sin Fin (Parafuso Sem Fim). Outro é conhecido sob uma combinação, no mínimo, curiosa: Nene Tonelada. É como se cada participante trouxesse, fisicamente, marcas da adesão ao Monstro, como indicam as “deformidades”.

A entrada do grupo em Buenos Aires também indica que o conto consiste em uma releitura de *La refalosa* de Ascasubi e *El matadero* de Echeverría. Releitura das guerras civis do século XIX entre unitários e federalistas, da tensão entre capital e interior que até hoje marca o pensamento argentino, pois era comum os unitários relacionarem o federalismo ao campo, ao interior argentino, onde viam sinais da barbárie.³² “La gallarda columna se infiltraba en las lagunas anegadizas, cuando no en las montañas de basura, que acusan el acceso a la Capital (...).”³³ Assim, os simpatizantes do Monstro não são portenhos, ou seja, originários de Buenos Aires, mas do interior.

Em Buenos Aires, os simpatizantes do Monstro passam pela avenida Mitre, pelo rio Riachuelo e, pouco depois do cruzamento da Tacuarí com Belgrano, se embebedam e encontram dois judeus. Deixam passar o primeiro. Já o segundo, um jovem estudante, desperta a ira do grupo ao se recusar a saudar uma imagem do Monstro:

*(...) vino a distraernos un sinagoga que mandaba respeto con la barba. A ése le perdonamos la vida, pero no se escurrió tan fácil otro de formato menor, más manuable, más práctico, de manejo más ágil. Era un miserable de cuatro ojos, sin la musculatura del deportivo. (...) los libros, bajo el brazo y de estudio. Se registró como un distraído (...). Tonelada (...) le dijo al rusovita que mostrara un cachito más de respeto a la opinión ajena (...) y saludara a la figura del Monstruo. El otro contestó con el despropósito que él también tenía su opinión. El Nene, que las explicaciones lo cansan, lo arrempujó (...). Lo empujó a un terreno baldío (...) y el punto vino a quedar contra los nueve pisos de una pared (...). (...). El primer cascotazo lo acertó (...) Tabacman, y le desparramó las encías, y la sangre era un chorro negro. (...) el bombardeo era masivo. (...) el jude se puso de rodillas y miró al cielo y rezó como ausente en su media lengua. Cuando sonaron las campanas de Monserrat se cayó, porque estaba muerto.*³⁴

No assassinato do jovem estudante judeu pelos seguidores do Monstro, a releitura da morte do unitário pelos federalistas que marca *El matadero*. Depois do assassinato, mutilaram o rosto – “(...) Mopurgo (...) me hizo clavar la cortaplumita en lo que hacía las veces de cara” –, roubaram alguns pertences do jovem estudante judeu e seguiram para a Praça de Maio, pois “(...) quedó relegado al olvido ese episodio callejero. Banderas de Boitano que tremolan, toques de clarín que vigoran, doquier la masa popular, formidable”.³⁵

Ora, uma vez “contado o conto”, não há dúvidas de que a “jornada cívica” representa a comemoração de um 17 de outubro, dia histórico para o peronismo, como demonstra a data escolhida para a transferência dos restos mortais de Perón, sessenta e um anos depois do “primeiro” 17 de outubro. Em 1945, Perón era vice-presidente, Secretário do Trabalho e Ministro da Guerra do governo Edelmiro Farrell (1944-46), terceiro presidente a assumir depois de uma ditadura militar instaurada em 1943³⁶ e que estava em crise após a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Perón, pelo acúmulo de poderes, era um dos principais alvos dos protestos dos setores liberais e democráticos, principalmente pela popularidade que alcançou entre os setores populares ao empreender uma série de medidas sociais e trabalhistas, graças a uma confortável situação financeira vivida pela Argentina.³⁷ Para acalmar a oposição, o governo pressiona e Perón renuncia em cadeia de rádio em 9 de outubro de 1945. Os protestos continuam e o governo, em uma nova tentativa de acalmar os ânimos, prende Perón no dia 13. No entanto, greves e manifestações de trabalhadores começam a estourar pelo país e, no dia 17, uma grande concentração se forma na Praça de Maio, diante da Casa Rosada, sede do governo argentino, pedindo sua libertação. O governo cede, convoca eleições e Perón se elegeria em fevereiro do ano seguinte em uma disputa acirrada. Já no governo, Perón transformaria o 17 de outubro no “Dia da Lealdade”, data na qual o povo argentino novamente tomaria as ruas e praças para defender a

causa peronista. Se a “jornada cívica” refere-se a um 17 de outubro, é quase dispensável dizer que o Monstro é Perón – tem um sorriso marcante, se define como “grande trabalhador argentino”, discursa em cadeia de rádio, tem marchinhas etc. – e que os participantes da caravana são os descamisados, termo usado pelo discurso peronista para se referir aos trabalhadores e humildes. “Te recordarás que esa tarde elómetro marcaba una temperatura de sopa y no me vas a discutir que un porcentaje nos sacamos el saco”.³⁸

Luis Alejandro Rossi destaca um ponto que nos interessa: as semelhanças com as quais o 17 de outubro e os setores populares são representados no conto e na imprensa argentina, particularmente nos jornais liberais e antiperonistas *Crítica*, *La Prensa* e *La Razón*:

*(...) algunos, los más entusiastas, se desprendían del grueso de la columna para dedicarse a dejar estampadas en las paredes de los edificios leyendas propiciando la primera magistratura para el ex ministro de Guerra. Ninguna casa se salvó a todo lo largo de la avenida Montes de Oca, de esa clase de leyendas. Por el contrario, las más profusamente <atacadas> fueron, precisamente, las que presentaban aspecto más moderno.*³⁹

*Otro grupo asaltó el local que la Cervecería Argentina Quilmes tiene instalado en la calle 46 número 281, consiguiendo muchos de los manifestantes penetrar en su interior y apoderarse de barriles y cajones con botellas de cerveza (...).*⁴⁰

Rossi afirma, ainda, que o assassinato do jovem estudante judeu provavelmente consiste em uma ficcionalização da morte de J. Salmún Feijóo pela Aliança Libertadora Nacionalista⁴¹ por se negar a saudar um retrato de Perón. É um caminho possível para se pensar na dificuldade de representação que o peronismo significou para a Literatura. Porém, limitar-se a essa leitura implica pelo menos dois problemas. Em primeiro lugar, dá ao conto um forte caráter panfletário, de denúncia, o que não é recorrente na produção literária de Borges e Bioy Casares. Além disso, as reportagens analisadas por Rossi não são as geradoras de um olhar para o conto, mas estas, por sua vez, já estão inseridas em uma tradição cultural-literária que relaciona o festivo ao monstruoso ou à barbárie, para utilizar o termo recorrente no pensamento argentino, como demonstra a intertextualidade de *A festa do Monstro* com *La refalosa* e *El matadero*:

*Cuando algunos (...)
se empiezan a revolcar,
y a llorar,
que es lo que más nos divierte;
de igual suerte
que al Presidente le agrada,*

*y larga la carcajada
de alegría,
al oír la musiquería
y la broma que le damos
al salvaje que amarramos.*⁴²

*¡Viva la Federación! ¡Viva el Restaurador! Porque han de saber los lectores que en aquel tiempo la Federación estaba en todas partes, hasta entre las inmundicias del matadero y no había fiesta sin Restaurador (...). Cuentan que al oír tan desahogados gritos las últimas ratas (...) se reanimaron y echaron a correr desahogadas conociendo que volvían a aquellos lugares la acostumbrada alegría y la algarazara precursora de abundancia.*⁴³

Assim, dentro dessa tradição cultural-literária, o final do conto, marcado pelo assassinato do jovem estudante judeu, não é inverossímil, ao contrário do que defende Rossi. Para Rossi, em *A festa do Monstro*, “(...) dado su carácter de parodia del discurso popular, el humor y la sátira predominan hasta poco antes del final”.⁴⁴ A menção inicial ao verso de Ascasubi – “Aqui começa sua aflição” – deixa claro que, para Borges e Bioy Casares, o festivo é monstruoso e vice-versa, do começo ao final do conto. Não há qualquer contradição ou mesmo oscilação entre as duas esferas colocadas pelo título, como demonstraria, também, a origem interiorana dos simpatizantes do Monstro, tradicionalmente ligada à “barbárie” dentro dessa tradição cultural-literária. O jovem estudante judeu sabe o que lhe espera. Já em *Evaristo Carriego* (1930), Borges destaca uma relação similar no tango, que seria marcado tanto pela festa como pela violência. “(...) eu diria que o tango e as milongas expressam diretamente algo que os poetas, muitas vezes, têm desejado dizer com palavras: a convicção de que brigar pode ser uma festa”.⁴⁵ Vale lembrar que, além das marchinhas, os simpatizantes do Monstro cantam diversos tangos depois de beberem e pouco antes do encontro com o jovem estudante judeu. Enfim, no conto, não existe a oscilação típica do fantástico, pois o festivo-monstruoso ou, então, o excessivo, parece ter se transformado na norma quando o texto foi escrito, está presente em uma “jornada cívica” e, como se sabe, o civismo tradicionalmente é o espaço da ordem estabelecida. A lacuna de quase oito anos entre escrita e publicação do conto também sugere que a ligação entre o festivo e o monstruoso foi além do plano literário e tinha tingido a “realidade”.

Apesar disso, norma e excesso caracterizam-se pela historicidade e, para abordá-la, podemos retomar a tensão existente entre as normas, que se pretendem universais, e a particularidade dos sujeitos e grupos político-sociais. Certamente que as normas interferem nas individualidades, mas, simultaneamente, também são geradas por elas. A comemoração do 17 de outubro é um exemplo disso: a evocação de lealdade demonstra a necessidade de se normatizar aquilo que, anteriormente, representou um desvio, a pressão popular pela liberdade de Perón.

Dai o nosso interesse em destacar, no conto, que a caravana foi organizada pelo comitê do Monstro e acompanhada por seus representantes. Como antiperonistas, os escritores ressaltam a tensão entre a norma e os sujeitos, o que permitiria pensar o peronismo como um fenômeno político transitório, finito, como inicialmente indicava o momento da publicação do conto, logo após o golpe militar de 1955, mas talvez não o da escrita em 1947, ainda marcado pela euforia.

Vejam os exemplos de como Borges e Bioy Casares trabalham a tensão entre a norma e os sujeitos. Uma das personagens centrais do conto, Nelly, a interlocutora do narrador, não emite nenhum comentário a respeito da “jornada cívica”, não compartilha do entusiasmo demonstrado pelo jovem trabalhador e seus companheiros. Ao contar sobre a distribuição das armas, o narrador chega a pedir sua atenção: “(...) compenetrade, Nelly (...)”.⁴⁶ Por falar em armas, o senhor Marforio adiou a entrega, pois desconfiou dos participantes da caravana: inicialmente, alguns deles e o próprio narrador pretendiam vendê-las em um ferro velho. Por sua vez, o senhor Garfunkel determina que o caminhão seguisse em alta velocidade para que não houvesse fugas e sua ordem para que muros fossem pichados não foi bem recebida, pois os participantes tiveram que correr bastante para não ficarem para trás. Além disso, por onde passam, os simpatizantes do Monstro nem sempre despertam admiração e estimulam adesões. Exemplo disso é que chegaram a ser alvos de estilingues. “(...) los pibes nos tenían a hondazo limpio, como si en cada uno de nosotros apreciaran menos el patriota desinteresado que el pajarito para la polenta”.⁴⁷ Vale lembrar que Eva Perón costumava dizer que, na “nova” Argentina, os únicos privilegiados eram as crianças. Finalmente, a presença de representantes do comitê não impediu as fugas e inclusive um deles, o próprio senhor Garfunkel, fugiu com uma bicicleta “esquecida” no meio do caminho. Quando o grupo entrou em Buenos Aires, a deserção chegava a um terço do que tinha partido de Tolosa e apenas não foi maior, pois a maioria estava muito distante de suas casas. “(...) en Quilmes, (...) el crostaje obtuvo permiso para desentumecer los callos plantales, pero ¿quién, tan lejos del pago iba a despartarse del grupo?”.⁴⁸

É importante destacar, ainda, as passagens nas quais Borges e Bioy Casares representam uma Argentina pobre, atrasada, distante do desenvolvimento e da justiça social que o peronismo dizia promover. Além da intenção de levantar dinheiro com as armas para comer – “(...) empastarnos el bajo vientre con escarola, en base al producido de las armas (...)”⁴⁹ –, o narrador fala que, no comitê, ficou uma hora e meia em uma fila, como as de comprar querosene. O jovem trabalhador ainda se refere às localidades pelas quais passou como focos de população morta de fome. Em Buenos Aires, para mencionar apenas mais um exemplo, destaca que o grupo viu caminhões de nacionalidade canadense enferrujando, comprados já usados da Seção de Demolições do Exército norte-americano.

Logo, não se nota no conto a voz monolítica destacada por alguns autores como María Teresa Gramuglio. Nas suas palavras, o “(...) relato arma su escena

textual y representa la escena política con un monologismo total, autoritario y represivo, que cancela el dialogismo propio de los procedimientos de discurso doble y adopta el registro de un humor negro, siniestro”.⁵⁰ Leitura semelhante à de Gramuglio apresenta Susana Rosano: “(...) la masa aparece hipnotizada por la voz del Monstruo y controlada por su aparato represivo (...)”.⁵¹ Rossi destaca em *A festa do Monstro* a tensão entre a norma e os sujeitos ou, para usar suas próprias palavras, entre a autoridade e o grupo. Contudo, detecta a tensão no humor, no clima festivo que predominaria entre os participantes da caravana e, conforme vimos, esse elemento não diverge e sim vai ao encontro da norma almejada pelo peronismo.

O final do governo Perón é marcado por uma profunda crise econômica que se segue à crise política e a alimenta. Durante seu mandato, várias emissoras de rádio e importantes jornais como o socialista *La Vanguardia* e o liberal *La Prensa* tinham sido fechados e/ou apropriados pelo governo. Além disso, alegando necessidade de controlar a balança comercial, foi reduzida a importação de papel, o que prejudicou bastante a imprensa: os jornais tiveram a extensão reduzida drasticamente e, conseqüentemente, diminuíram o interesse dos leitores em comprá-los e os anúncios publicitários. Em outro campo, dos seis juizes da Corte Suprema de Justiça, Perón afastou cinco e nomeou aliados. Exemplo da tensa relação do governo com a oposição ainda pode ser encontrado em uma das principais fontes de recursos da Fundação Eva Perón, instituição de assistência social controlada pela primeira-dama: a pressão sobre empresários e fazendeiros.⁵² Com maioria no Legislativo, o governo Perón aprovou uma reforma constitucional em 1949 que permitiu sua reeleição em 1951. Porém, no começo da década de cinquenta, o modelo econômico nacionalista adotado pelo peronismo dá sinais de crise com a rearticulação do mercado internacional de capitais depois do impacto gerado pela Segunda Guerra Mundial⁵³ e a oposição ganha espaço. Em 1951, Perón enfrentou um levante militar que, apesar de derrotado, explicitou o rompimento de setores das Forças Armadas com o governo. Em 1952, Evita falece de câncer e o governo perde sua principal interlocutora junto às massas populares. Sem dinheiro para explorar petróleo – boa parte das reservas acumuladas durante a guerra foi gasta nas nacionalizações feitas no começo do governo – e pressionado pela reorganização do capital externo, Perón defende acordos com companhias petrolíferas estrangeiras, o que contrariava a nacionalização de recursos naturais determinada pela Constituição de 1949 e evidenciava as contradições do governo. Em 1953, Perón sofre um atentado a bomba e, como resposta, as sedes dos partidos opositores são incendiadas, assim como o Jockey Club, um dos principais redutos da elite portenha. Em 1954, possivelmente para abafar a crise econômica e reunir os aliados, o governo assume um discurso anti-clerical agressivo: propõe divórcio, fim do ensino religioso e separação entre a Igreja e o Estado. Além da crise econômica não ter sido esquecida, a crise política aumentou ainda mais.

A oposição aproveita a procissão de Corpus Christi de 1955 para se reunir, se solidarizar com a Igreja e manifestar seu descontentamento com o governo. Cinco dias depois, a procissão parece encorajar as Forças Armadas a agirem contra Perón. Em 16 de junho, o centro de Buenos Aires e a Praça de Maio são bombardeados pela Marinha e estouram vários focos de rebelião nas Forças Armadas. Dezenas morrem e, no mesmo dia, peronistas respondem incendiando igrejas. Em 31 de agosto de 1955, Perón dá uma mostra da tensão política vivida pela Argentina:

*(...) a la violencia le hemos de contestar con una violencia mayor. Con nuestra tolerancia exagerada nos hemos ganado el derecho de reprimirlos violentamente. Y desde ya estableceremos como una conducta permanente para nuestro movimiento: aquel que en cualquier lugar intente alterar el orden en contra de las autoridades constituidas, o en contra de la ley o de la Constitución, puede ser muerto por cualquier argentino.*⁵⁴

Esse discurso não é bem recebido, Perón recua, assume um discurso conciliador, dialoga com a oposição, altera o gabinete, mas já era tarde. As tensões já tinham se manifestado, o desgaste de Perón é incontestável e a oposição não perdeu a oportunidade. Em 16 de setembro, em Córdoba, o general Lonardi começa o levante militar que derrubou Perón. Em 19 de setembro, depois de bombardear Mar del Plata e com adesões na Argentina inteira, o levante consegue a rendição dos militares fiéis ao governo, após ameaçar um novo bombardeio à capital.

No número 235 da revista *Sur*,⁵⁵ publicado logo após a queda de Perón, Borges confronta o peronismo com os próprios excessos. “Ordenó [Perón] (...) a los oyentes una indiscriminada matanza de opositores y nuevamente lo aclamaron. Nada, sin embargo, ocurrió esa noche; todos (salvo, tal vez, el orador) sabían o sentían que se trataba de una ficción escénica”.⁵⁶ Assim, nesse momento, *A festa do Monstro* parece encontrar as condições necessárias para transmitir o excesso que Borges e Bioy Casares viam no peronismo e foi publicado. Através do desinteresse de Nelly, da intenção de vender as armas, das condições adversas vividas pela Argentina e das deserções na caravana, representados no conto, os escritores colocam em xeque a solidez – ou o fanatismo – da base social que o peronismo dizia ter, o que talvez não teriam conseguido transmitir caso o conto tivesse sido publicado no início do governo.

Comparando o século XIX ao XX, Tzvetan Todorov já destacava em 1968 os limites colocados ao fantástico e responsabiliza principalmente a Psicanálise pela explicação e compreensão do que antes era visto como inapreensível ou tabu. “Não se tem necessidade hoje de recorrer ao diabo para falar de um desejo sexual *excessivo* [grifo meu], nem aos vampiros para designar a atração exercida pelos cadáveres (...)”,⁵⁷ exemplifica o autor. Consideramos plausível a leitura de Todorov, mas, pelo que foi exposto aqui, necessitaria de um complemento: a

responsabilidade por esses limites colocados ao fantástico seria, também, da própria Literatura fantástica, ao estimular o questionamento sobre o que seria o real, ao levantar a dúvida sobre a existência de outras dimensões, não perceptíveis ou explicadas pela razão. Conforme vimos, se o real passa a ser visto sob essa perspectiva, a Literatura fantástica não se sustentaria e inevitavelmente assumiria traços realistas. Em *El matadero*, Echeverría fala que, naqueles dias, “(...) acontecieron cosas que parecen soñadas”.⁵⁸ Não se trata de conferir a *El matadero* a categoria de fantástico, mas, como destacamos, no conto de Borges e Bioy Casares nada parece sonhado, apesar da intertextualidade entre os dois textos.

No entanto, se a norma e o excesso são históricos, o fantástico também o é e não está condenado ao desaparecimento ou se tornou inútil, como chega a dizer Todorov. O próprio autor destaca que apenas houve um deslocamento: o que era exceção tornou-se regra. A oscilação entre as explicações racionais e sobrenaturais teria cedido lugar à inclusão, do próprio leitor, em um universo totalmente fantástico.

No conto *O simulacro* (1960),⁵⁹ Borges novamente representa o peronismo. Nele, porém, demonstra a historicidade e vitalidade do fantástico em meio à Psicanálise e excessos incorporados e cometidos no decorrer do século XX. *O simulacro* trata de uma encenação do velório de Eva Perón, simultaneamente ao que ocorria em Buenos Aires. Como em *A festa do Monstro*, a localização temporal e espacial é nítida. “Em um dos dias de julho de 1952, o enlutado apareceu naquele lugarejo do Chaco”.⁶⁰ No entanto, diferentemente do conto escrito com Bioy Casares, não existem metáforas no sentido tradicional do termo em *O simulacro*, os nomes de Perón e Evita são mencionados abertamente. Apesar disso, encontramos o fantástico em sua plenitude. As metáforas inexistem, pois se tornaram desnecessárias, considerando-se que até mesmo o perceptível passou a ser visto como incerto e efêmero, mesmo sem a interferência do desconhecido. Em *O simulacro*, o próprio mundo conhecido passa a provocar a dúvida que caracteriza o fantástico, passa a ser, ele próprio, uma metáfora, razão pela qual este mundo teria se tornado irreal. Em *O simulacro*, não há diferença entre ser e imaginar/ parecer ser. Logo, a busca pela verdade torna-se inútil, ou melhor, impossível, como em Tlön:

*Nela [na encenação do velório] está a síntese perfeita de uma época irreal, e é como o reflexo de um sonho ou como aquele drama no drama que se vê em Hamlet. O enlutado não era Perón e a boneca loira não era a mulher Eva Duarte, mas tampouco Perón era Perón nem Eva era Eva, e sim desconhecidos ou anônimos (cujo nome secreto e cujo rosto verdadeiro ignoramos) que figuraram, para o crédulo amor dos arrabaldes, uma crassa mitologia.*⁶¹

O apelo não atendido de Perón, pouco antes da sua queda, sugere, como n' *O simulacro*, que a encenação talvez fosse praticada não apenas pelos governantes,

mas também pelos governados perante os excessos oficiais, como já indicavam Borges e Bioy Casares na significativa, porém limitada fidelidade dos simpatizantes do Monstro.

Conclusão

Depois de ser derrubado, em 1955, Perón se exilou em alguns países da América Latina até se estabelecer na Espanha. Os militares que assumiram o poder iniciaram um processo de desperonização da sociedade argentina, que incluiu o desaparecimento do corpo de Eva Perón, enterrado por quinze anos com um nome falso na Itália, e o fuzilamento de militantes peronistas que tentaram se rebelar contra o governo em 1956, liderados pelo general Valle. Eram conhecidas as perseguições do governo Perón aos opositores, mas, pela primeira vez no século XX argentino, o desaparecimento e fuzilamento de opositores se tornavam uma prática oficial de Estado. Diante do recrudescimento do autoritarismo, parte da esquerda revê a oposição que tinha feito e se aproxima do peronismo.

As eleições retornaram, mas sem a participação do peronismo, mantido na ilegalidade. Porém, para se elegerem e governarem, os políticos sentem que precisam do apoio dos peronistas, pois Perón, mesmo distante, se mantinha influente, o que, dentre outros pontos, levou a um novo golpe militar em 1966, contra o presidente Arturo Illia (1963-66). No entanto, os militares não conseguem contornar a crise política – nem a econômica – e abrem caminho para a realização de eleições com a participação do peronismo. Em 1973, Perón volta da Espanha, se elege, assume, mas falece no ano seguinte. Isabelita Perón, vice-presidenta e sua terceira esposa – Evita era a segunda – assume o poder, não consegue conter o avanço dos grupos de esquerda e não completaria o mandato, pois seria derrubada em 1976 por mais um golpe militar: o terceiro em vinte e um anos.

A ditadura instaurada em 1976 foi uma das mais violentas da América Latina. Estima-se que aproximadamente trinta mil pessoas desapareceram entre 1976 e 1983. Em 1982, para desviar a atenção da opinião pública, chocada com os desaparecimentos e a crise econômica que persistia, os militares declaram guerra aos ingleses pela posse das Ilhas Malvinas, localizadas no Atlântico Sul. A Argentina é rapidamente derrotada e a opinião pública novamente se choca com o predomínio de jovens e inexperientes soldados que morreram em combate. Conscientes da irreversibilidade da crise, os militares abrem caminho para o retorno da democracia.

Em 1983, assume o presidente eleito Raúl Alfonsín, da UCR (União Cívica Radical), um dos principais partidos políticos do país. Em 1989, acuado por uma inflação descontrolada, entrega antecipadamente o governo ao peronista Carlos Saul Menem, eleito naquele ano. Apesar de ser peronista, Menem empreendeu uma série de medidas neoliberais como a não-intervenção estatal na economia, a

privatização de empresas públicas e a flexibilização/redução dos direitos trabalhistas, que contrariavam alguns dos principais pressupostos dos governos de Perón. O governo Menem é responsabilizado pela maioria dos argentinos pela grave crise econômica enfrentada atualmente pelo país. Em 1999, foi eleito Fernando de la Rúa, da UCR, mostra do descontentamento com o menemismo. No entanto, o novo presidente frustrou as expectativas de mudança, praticamente manteve inalterada a política econômica do antecessor e, em meio ao agravamento da crise econômica, renunciou em 2001 sem concluir o mandato, após protestos na Praça de Maio serem duramente reprimidos pela polícia e acabarem em mortes: em menos de vinte anos, era a segunda vez que um presidente da UCR não terminava o mandato.

Enfim, as cenas vistas em 2006 durante a transferência dos restos mortais de Perón não permitem afirmar que o fanatismo defendido por Evita tenha sido seguido pelos argentinos. Após os excessos cometidos pelos militares e políticas econômicas adotadas, os governos de Perón se enraízam na memória popular como uma época de desenvolvimento e justiça social. Desse modo, o que antes fora oficial no discurso peronista, hoje é reivindicado por diferentes sujeitos e grupos político-sociais contra os excessos cometidos por outros discursos e governos, inclusive peronistas. Por exemplo, entre grupos *piqueteros*, compostos por desempregados que combatem o neoliberalismo e a globalização na Argentina, já se ouviu o seguinte slogan em suas manifestações: “Si Evita viviera, sería piquetera”. O poder de pressão dessa memória pode ser visto, inclusive, no governo do atual presidente, o peronista Néstor Kirchner (desde 2003): houve recuo nas políticas neoliberais que marcaram a década de noventa e militares envolvidos nos desaparecimentos da última ditadura estão sendo julgados e punidos.

Notas

¹ PERÓN, E. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996, p. XXXVIII.

² BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. “La fiesta del Monstruo” In: OLGUÍN, S. S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Buenos Aires: Norma, 2000. p. 58. Auxiliou na escrita do artigo a tradução do conto feita por Ernani Ssó (cf. MONEGAL, E. R. *Borges por Borges*. Porto Alegre: L&PM, 1987, pp. 140-151).

³ PERÓN, *Op. cit.*, p. XXXIX.

⁴ Ascasubi apresenta *La refalosa* como a ameaça de um mazorquero a um unitário, grupo político ao qual pertencia. Mazorquero era como os federalistas pertencentes à *Mazorca* eram conhecidos. A *Mazorca* era uma espécie de polícia política do governador de Buenos Aires Juan Manuel de Rosas (1829-32; 35-52), que exercia uma influência muito grande sobre o restante do país. Assim, o poema de Ascasubi nos remete às guerras civis entre unitários e federalistas que marcaram o século XIX argentino. Resumidamente,

os unitários como Ascasubi defendiam um governo central em Buenos Aires para enfraquecer o caudilhismo nas províncias. Os federalistas, por sua vez, defendiam a autonomia provincial contra o centralismo de Buenos Aires.

⁵ A data que consta no final do conto é 24 de novembro.

⁶ O conto foi publicado originalmente em 30 de setembro de 1955, no número 783 da revista cultural uruguaia *Marcha*.

⁷ Em 1946, Borges perdeu o emprego que tinha na biblioteca municipal Miguel Cané. De acordo com o escritor, alegaram o apoio que tinha dado aos Aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-45), o que demonstraria a simpatia do governo de Perón pelos nazistas. Além disso, em 1948, Borges teve a mãe Leonor e a irmã Norah presas durante um protesto em Buenos Aires.

⁸ A revista *El hogar* (1904-62) era voltada ao público feminino. Não chegava a ser uma revista popular, mas tampouco seus leitores se restringiam às elites, o que foi importante para a divulgação de Borges e da Literatura fantástica na Argentina.

⁹ BORGES, J. L. *Borges en El hogar (1935-1958)*. Buenos Aires: Emecé, 2000. p. 171. Borges e Bioy Casares não publicaram nenhum livro juntos em 1956. Provavelmente, trata-se de uma referência a *Crônicas de Bustos Domecq*, que publicaram apenas em 1967, e/ou a *Nuevos cuentos de Bustos Domecq*, de 1977, no qual incluíram *A festa do Monstro*, publicado pela primeira vez em um livro.

¹⁰ BORGES, J. L. "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998, v. 1, pp. 484-486.

¹¹ Em meados da década de quarenta, Bioy Casares já é um escritor identificado com o fantástico. Foi fundamental para isso *A invenção de Morel*, publicado em 1940 com prólogo de Borges. Dentre outros trabalhos, ainda se destacam *Seis problemas para don Isidro Parodi* (1942), *Dos fantasmas memoráveis* (1946) e *Un modelo para la muerte* (1946), os três escritos em parceria com Borges. O escritor também organizou antologias importantes. Em 1940, foi publicada a *Antologia de la literatura fantástica*, em colaboração com sua esposa Silvina Ocampo e Borges. Ainda no que se refere às antologias, em 1943 publicou com Borges a primeira série de *Los mejores cuentos policiales*.

¹² BORGES, J. L. "The Paradoxes of Mr. Pond, de G. K. Chesterton" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 330.

¹³ "Somos assim transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, (...) produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós." (TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 30).

¹⁴ Borges confirma essa possibilidade no prólogo de *A invenção de Morel*. "As ficções de índole policial – outro gênero típico deste século que não pode inventar argumentos –

referem fatos misteriosos, logo justificados e ilustrados por um fato lógico. Nestas páginas, Adolfo Bioy Casares resolve com felicidade um problema talvez mais difícil. Desenvolve uma Odisseia de prodígios que não parecem admitir outra chave que não a da alucinação ou a do símbolo, e decifra-os plenamente mediante um único postulado fantástico, mas não sobrenatural [grifo meu]" (BORGES, J. L. "Prólogo" In: BIOY CASARES, A. *A invenção de Morel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 9). As pessoas vistas pelo fugitivo-narrador não passavam de imagens projetadas pela máquina de Morel, mas, como sabemos, uma máquina de projeção com tamanha fidelidade (ainda) não existe e a oscilação permanece mesmo depois do esclarecimento do mistério.

¹⁵ BORGES, J. L. "O Sonho do Quarto Vermelho, de Tsao Hsue Kin" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 381.

¹⁶ BORGES, J. L. "Eugene G. O'Neill Prêmio Nobel de Literatura" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 260.

¹⁷ Outro exemplo de simplificação poderia ser encontrado nas biografias, frequentemente ironizadas por Borges pela pretensão de reproduzirem a vida dos biografados. "A arte do biógrafo, disse Maurois, é, acima de tudo, a de esquecer" (BORGES, J. L. "Les Jeunes Filles, de Henri de Montherlant" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 253).

¹⁸ BORGES, J. L. "Chinese Fairy Tales and Folk Tales, traduzidos por Wolfram Eberhard" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 395.

¹⁹ BORGES, J. L. "The Croquet Player, de H. G. Wells" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001, v. 4, p. 291.

²⁰ GRAMUGLIO, M. T. "Bioy, Borges y Sur". *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 34, julho-setembro de 1989, p. 16.

²¹ BORGES, "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", *Op. cit.*, p. 476.

²² *Ibid.*, p. 481.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibid.*, p. 487.

²⁵ *Ibid.*, p. 489.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ BIOY CASARES; BORGES, *Op. cit.*, p. 43. A menção a Ascasubi aparece na versão original, publicada pela revista *Marcha*, mas, na edição usada por Olguín (BORGES, J. L. *Obras completas en colaboración*. Buenos Aires: Emecé, 1979), o verso foi suprimido.

²⁸ *Ibid.*, p. 48.

²⁹ *Ibid.*, p. 45.

³⁰ *Adiós, pampa mía...me voy, me voy a tierras extrañas*. Esses versos abrem *Adiós pampa mía*, que tem letra de Ivo Pelay e Francisco Canaro e música de Mariano Mores.

³¹ BIOY CASARES; BORGES, *Op. cit.*, pp. 47-48.

³² O unitário Domingo Faustino Sarmiento (1811-88), presidente da Argentina entre 1868 e 74, consolidou essa visão em *Facundo* (1845). "(...) os progressos da civilização se acumulam em Buenos Aires somente; o pampa é um péssimo condutor para levá-la e distribuí-la nas províncias (...)" (SARMIENTO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 69).

³³ BIOY CASARES; BORGES, *Op. Cit.*, p. 54.

³⁴ *Ibid.*, p. 58.

³⁵ *Ibid.*, p. 59.

³⁶ O GOU (Grupo de Oficiais Unidos), formado por militares pró-Eixo, liderou o golpe de Estado temendo uma aproximação do governo Ramón S. Castillo (1940-43) com os Aliados.

³⁷ Tendo sido a grande fornecedora de carne e trigo para a Europa em guerra, a Argentina acumulou, somente com a Inglaterra, um crédito de 1 bilhão e 700 milhões de dólares. Com o dinheiro, o governo Perón também quitou a dívida externa e nacionalizou os transportes aéreo, ferroviário e fluvial, o fornecimento de gás e a distribuição de energia no interior. O historiador Félix Luna resume o clima de euforia daqueles anos afirmando que a Argentina era uma festa.

³⁸ BIOY CASARES; BORGES, *Op. cit.*, pp. 57-58.

³⁹ *La Razón*, 17 out. 1945 *Apud* ROSSI, L. A. "Borges, Bioy Casares y el peronismo". Disponível em: <www.argiropolis.com.ar>. Acesso em: 17 mar. 2005. p. 8.

⁴⁰ *La Prensa*, 19 out. 1945 *Apud* ROSSI, *Op. cit.*, p. 8.

⁴¹ A Aliança Libertadora Nacionalista era um grupo peronista de extrema direita.

⁴² ASCASUBI, H. "La refalosa". Disponível em: <www.biblioteca.clarin.com>. Acesso em: 22 dez. 2004. p. 3. "Presidente" refere-se a Juan Manuel de Rosas.

⁴³ ECHEVERRÍA, E. "El matadero". Disponível em: <www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 29 set. 2004. p. 6. No trecho, o termo que se refere a Rosas é "Restaurador".

⁴⁴ ROSSI, *Op. cit.*, p. 3.

⁴⁵ BORGES, J. L. "Evaristo Carriego" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998, v. 1. p. 168. Borges ainda vê a mesma relação entre festa e violência em outras culturas. "Na famosa *História dos Godos* que Jordanès compôs no século VI, lemos que Átila, antes da derrota de Châlons, arengou a seus exércitos dizendo que a fortuna lhes tinha reservado *os júbilos* dessa batalha (...). Na *Iliada* se fala de aqueus para quem a guerra era mais doce que regressar nas vazias naus a sua querida terra natal e se diz que Páris, filho de Príamo, correu com pés velozes para a batalha, como o cavalo de agitada crina a procurar as éguas. Na antiga epopéia saxônica que inicia as literaturas germânicas, no *Beowulf*, o rapsodo chama *sweorda gelac* (jogo de espadas) à batalha. *Festa de vikings* a chamaram, no século XI, os poetas escandinavos. No princípio do século XVII, Quevedo, numa de suas xácaras, chamou *danças de espadas* a um duelo, o que é quase o *jogo de espadas* do anônimo anglo-saxão. O esplêndido Hugo, em sua evocação da batalha de Waterloo, disse que os soldados, compreendendo que iam morrer naquela festa (...), saudaram seu deus, de pé na tormenta" (*Ibid.*, p. 168).

⁴⁶ BIOY CASARES; BORGES, *Op. cit.*, p. 46.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 47.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 49.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 44.

⁵⁰ GRAMUGLIO, *Op. cit.*, p. 16.

⁵¹ ROSANO, S. "El peronismo a la luz de la 'desviación latinoamericana': literatura y sujeto popular". *Colorado Review of Hispanic Studies*, nº 1, 2003, p. 12.

⁵² Estes geralmente cediam, pois receavam, por exemplo, não conseguir financiamentos com verbas públicas ou serem alvos de fiscalização.

⁵³ Após a reconstrução da Europa, a América Latina voltou a sofrer forte concorrência do capital internacional.

⁵⁴ *Apud* PEÑA, M. *El peronismo: selección de documentos para la historia*. Buenos Aires: Fichas, 1973, pp. 146-147.

⁵⁵ Fundada e dirigida por Victoria Ocampo (1890-1979), irmã mais velha de Silvina, esposa de Bioy Casares, a revista *Sur* (1931-92) foi uma das principais publicações culturais da Argentina no século XX. Voltada para artistas e intelectuais, publicou números inéditos até a década de setenta, depois, somente coletâneas. Além da revista, a editora *Sur* também teve um importante papel na publicação de textos fantásticos.

⁵⁶ BORGES, J. L. "L'illusion comique" In: *Borges en Sur (1931-1980)*. Buenos Aires: Emecé, 1999. p. 56.

⁵⁷ TODOROV, *Op. cit.*, p. 169.

⁵⁸ ECHEVERRÍA, *Op. cit.*, p. 5.

⁵⁹ Ano no qual foi publicado no livro *El hacedor*.

⁶⁰ BORGES, J. L. "O simulacro" In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1999, v. 2, p. 186. O Chaco é uma região do norte argentino.

⁶¹ *Ibid.*, p. 186.